

**NAZARIAN, Elisa. (2005) RESPOSTA. COTIA: ATELIÊ,  
95 p.**

Sônia van Dijk\*

O livro começa com um texto assinado enigmaticamente por M. R. Na verdade, tudo indica ser apenas um fragmento; talvez de longa carta ou do trecho do conto sem assinatura que, na página seguinte, fica dito que esteve em sua bolsa por uma semana e foi mostrado aos melhores amigos.

Ainda que a autora não me tenha esclarecido, dou-me o direito de interpretar que M. R. e o autor da carta/trecho do conto são a mesma pessoa: Ele.

Retomando o jogo de velar e revelar, é que Elisa Nazarian começa *Resposta* (Cotia: Ateliê Editorial, 2005).

Escolho entender que o fragmento de abertura provoca a *Resposta*.

Não deve pensar o leitor que se trata de obra epistolar. O paratexto da ficha catalográfica remete o livro para o campo da poesia. Deve ser isso mesmo: prosa poética.

Mais uma ressalva ao leitor: nessas minhas hipóteses todas, não encontre incerteza, vacilação crítica. Quando ler Elisa Nazarian (se é que ainda não teve o prazer de saborear essa *Resposta*), vai me entender: o texto foge às classificações genéricas.

Partindo do aparente enigma M. R./carta/trecho de conto sem assinatura, a voz narrativa elabora sua confissão/resposta. Mas, como quem busca um possível distanciamento não fala de si: fala d'Ela.

---

\* Universidade Federal da Paraíba - UFP.



Elisa Nazarian trabalha com duas personagens: Ela e Ele. E vai desafiando memórias.

Ele nos é mostrado pelo filtro das lembranças da protagonista. Amou, foi gentil, escreveu contos, deitou na rede, fez amor com Ela no tapete e partiu e talvez a ame ainda.

A narrativa de frases curtas, sem ordem cronológica, vai alinhavando um discurso que nos oferece a história d'Ela: amou, perdeu um filho bem pequeno ainda, pariu mais três, reencontrou o amor, ganhou uma vaca, perdeu um cão, aprendeu a fazer queijo, amou e amou seu homem e perdeu o grande amor de sua vida.

Mas, ama ainda.

Na verdade, a narrativa vai juntando os pedaços de vida dessa mulher, que tenta entender-se, entender seu homem e entender o que aconteceu.

Não é choro de mulher. É solidão movida pela paixão; é análise/catarse provocada pelo ato de amar seu homem perdido.

A voz narrativa é realista sem cair no escatológico. É presa à terra pisada por essa mulher sem nome, e fala de flores, de águas e de gozo.

Como se Ela pudesse estar sendo vista em muitos espelhos, a voz narrativa ganha intimidade com a protagonista e com Ela se identifica: narradora e Ela são a mesma pessoa, tanto quanto M. R. e o autor do trecho do conto sem assinatura são Ele.

Ela, assumidamente amante, com todas as fortalezas e fraquezas do feminino.

Ele, diante d'Ela, é covardia, omissão insegurança, enigma e, principalmente, silêncio.

Como é previsível para quem conhece as mulheres, Ela tem uma *Resposta*.

*Resposta* de muitas mulheres que habitam os pontos cardeais e que, um dia, encontraram o homem a ser amado para ser eterno enquanto houver vida.

A protagonista de Elisa Nazarian manda sua resposta em bela embalagem, na qual o livro se faz caixa de si mesmo, na bem cuidada apresentação do editor, que remete a uma espécie de “abre-te sésamo”/livro, para descobrir uma alma de Mulher.

Nada mais próprio do que um livro para ser um grão gergelim (sésamo), no qual está guardada uma paixão de Mulher.

Elisa Nazarian estréia subvertendo gêneros, dando voz ao feminino, sem que importe cor ou bandeira. Afinal de contas, paixão é paixão, e amor é para a vida inteira, posto que é infinito enquanto chama (lembrando Vinicius).

E, quando Ele foge, vale a pena a certeza da grande paixão.

A solidão é companheira da velhice. Fazer o quê? As mulheres cuidam de flores, cozinham, bordam, escrevem romances e amam seus homens. Sempre foi assim?

*Laos Deo.*

Elisa Nazarian entra em grande estilo.

Demos graças às Mulheres.